

A rota da alface: produção e gênero em Inhambane/Moçambique

The route of lettuce: production and gender in Inhambane/Mozambique

Ana Carolina de Oliveira Marques¹
Universidade Federal de Goiás
carol.geografia@hotmail.com

Obed Afonso Fernando Nhambire²
Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
obinela1989@gmail.com

Abdul Latifo Atija Assane³
Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
abdulassane18@live.com

RESUMO: Símbolo da agricultura em Inhambane, a mulher moçambicana colore as feiras e mercados da província moçambicana: retira da terra as condições de sobrevivência e reprodução familiar. Diagnóstico da situação econômica, política e social desse sujeito, o presente artigo evidencia o significado do feminino em Moçambique, aos dilemas e as superações que envolvem a temática “produção e gênero” nesse país. Baseado em pesquisa bibliográfica e de campo, com a aplicação de questionários a feirantes e a representantes do poder público, transfiguram-se no texto os passos de uma mulher manhambane⁴, parafraseados na “Rota da Alface”. Sua rotina remete a mecanismos de exploração do (a) trabalhador(a) e de formação de um protoproletariado em economias colonizadas. Este trabalho é produto do Projeto “Sementes Crioulas, Quintas Agroecológicas e Cooperação Popular: troca de saberes e experiências de economia criativa⁵ entre o Cerrado Brasileiro e a Savana

¹ Mestre em Geografia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais - Universidade Federal de Goiás, Goiânia/Brasil.

² Estudante de Graduação em Informação Turística na Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Universidade Eduardo Mondlane, Inhambane/Moçambique.

³ Estudante de Graduação em Animação Turística na Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Universidade Eduardo Mondlane, Inhambane/Moçambique.

⁴ Nome atribuído pelos autóctones aos naturais da província de Inhambane.

⁵ Esse é um projeto desenvolvido no âmbito de edital elaborado pela Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Coordenador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – professor do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/UFG).

Africana”, de realização do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane.

Palavras-chave: Mulher manhambane, produção e gênero, rota da alface, Inhambane/Moçambique.

ABSTRACT: Symbol of the agriculture in Inhambane, the Mozambican woman colors fairs and markets of the Mozambican province: get from the land the survival and familiar reproduction conditions. Diagnosis of economic, political and social situation of that subject, this article deals with the meaning of feminine in Mozambique, the dilemmas and overruns involving the theme "production and gender " in that country. Based on literature and field research, with the application of questionnaires to the fair sellers and governmental authorities, are transfigured in the text the steps of a manhambane woman, paraphrased in the "route of lettuce". Her routine refers to mechanisms of workers exploration and training of a proletariat proto, in colonized economies. This work is product of the project " Creole seeds Agro-ecological Farm and Cooperation People: exchange of knowledge and experiences of creative economy among the Brazilian Cerrado and African Savannah", creation of the Social and Environmental Studies Institute of the Federal University of Goiás, in partnership with Eduardo Mondlane University.

Key-words: Woman manhambane, production and gender, lettuce route, Inhambane/Mozambique.

INTRODUÇÃO

A cena sugere a organização espacial da aldeia rural: cada cômodo localizado em um ponto do quadrado imaginário, com uma árvore ao centro. O pátio, *locus* das ocupações matutinas. Do marco zero da aldeia – a árvore – avistam-se as campos⁶, as machambas⁷ e aldeias vizinhas. O colorido das capulanas⁸ nos cercados das machambas anuncia os afazeres das mulheres. Na periferia das cidades, vê-se paisagem semelhante.

A mandioca prevalece entre os cultivos nas zonas rurais. As hortas de alface compõem também as paisagens urbanas.

Após as tarefas primeiras do dia – providenciar a higiene e a alimentação das crianças, e a limpeza da casa ou do pátio –, parte-se ao trabalho agrícola. Protagonistas também neste texto, veremos adiante parte da história, dos dilemas e das superações das mulheres moçambicanas.

A elaboração do presente artigo iniciou-se após pesquisa exploratória realizada por pesquisadores do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás/Brasil, na província de Inhambane/Moçambique, em agosto de 2014. As atividades

⁶ Lápides fúnebres que sinalizam as covas de familiares.

⁷ Terrenos de cultivo agrícola. Nas zonas litorâneas, as machambas concentram-se nas áreas baixas que são, sazonalmente, alcançadas pela invasão das águas oceânicas. Neste fenômeno, há também o transporte de matéria orgânica, o que contribui para a maior fertilidade dos solos em relação aos terrenos circunvizinhos.

⁸ Tecidos de múltiplas cores e estampas, multifuncional no universo africano: agasalho, artigo de decoração, acessórios femininos, roupas de mesa e cama, artigos de cozinha. Comumente, veem-se as mulheres transportarem seus bebês nas costas, cujo suporte provém de amarração feita com a capulana.

estavam inscritas no projeto “Sementes crioulas, quintais agroecológicos e cooperação popular: troca de saberes e experiências de economia criativa entre o Cerrado brasileiro e a Savana africana de Inhambane-Moçambique”.

Nos dias de “andanças em terra de boa gente”, parafraseando o Professor Doutor Marcelo Mendonça, também membro do projeto, alguns temas ocuparam a centralidade nos debates, como aqueles aos quais este texto se dedica: produção e gênero.

Diante das primeiras impressões que a pesquisa exploratória permitiu, destacou-se a indissociabilidade existente entre o trabalho agrícola e a função desempenhada pelas mulheres. Nas feiras e mercados visitados, tal hipótese tornou-se ainda mais provável: além da produção, a comercialização dos produtos agrícolas é tarefa prioritariamente feminina.

O enunciado “A rota da alface” fora desenvolvido com duas finalidades. Primeiro, elegemos a rota – literal – da alface, para a investigação da produção, circulação e venda deste produto no município. Em segundo lugar, não menos importante, está o sentido simbólico do termo: “A rota da alface” representa os passos da mulher mamnhambane em busca da sobrevivência e reprodução familiar. Em outras palavras, lidávamos com a luta pela autonomia de mulheres, cidadãs, mães, agricultoras.

A metodologia da pesquisa baseou-se no levantamento bibliográfico e de fonte de dados acerca dos temas já enunciados; aplicação de questionários em mercados e feiras de Inhambane e em órgãos públicos; realização de estágio vivência com produtora agrícola; redação do artigo final. Todas as fases descritas ocorreram de maneira compartilhada entre os autores do artigo. As diferentes nacionalidades e formações acadêmicas corroboraram para a troca de experiências teóricas e metodológicas, potencializando a investigação interdisciplinar e a universalidade de questões levantadas.

Em consonância com a metodologia, o texto divide-se em três tópicos, além das considerações finais: no primeiro, encontram-se as reflexões acerca de desenvolvimento territorial e gênero em Moçambique; no segundo, foram apresentados os aspectos gerais da economia, história e geografia do município de Inhambane; e o terceiro tópico foi composto pelos achados da experiência na feira de Guiúá, onde encontramos a protagonista desse estudo: a Dona Albertina.

1 A AUTONOMIA DAS MULHERES: questão de desenvolvimento em Moçambique.

Moçambique está localizado na região Austral da África e possui uma superfície de 799. 380 km². Apresenta população de aproximadamente 23 700 715,0 habitantes, dos quais 69,2% residem em área rural. As principais atividades econômicas desenvolvidas no território são a agricultura, a pecuária, a pesca, a indústria extrativista e de transformação, e a geração de energia elétrica. (INE, 2012).

O cenário político e econômico do país aponta para problemas estruturais: analfabetismo (50,4% da população total); mortes ao nascer (84,5% de óbitos em cada 1000 nascidos vivos); esperança de vida ao nascer (52,8 anos). (CPLP, 2012).

Moçambique conquistou a independência política – rompendo com o sistema colonial português – na década de 1970, o que não alterou a posição do país no quadro geopolítico mundial: segue junto ao conjunto dos espaços periféricos (RUCKERT et. al., 2009).

A estratégia central para essa situação passa pela dependência econômica e financeira dos países frágeis na economia de mercado junto às grandes potências mundiais. Com balança comercial negativa, Moçambique, no ano de 2012, importou aproximadamente o dobro do que arrecadou com as exportações (INE, 2012). Percebe-se, pois, a fragilidade financeira do país.

A saída encontrada pelos governos ao longo dos anos seguintes à independência, tem sido os empréstimos no exterior ou o financiamento internacional de atividades fundamentais da gestão, com o próprio recenseamento realizado pelo Instituto Nacional de Estatística, cuja verba deriva dos cofres estadunidenses.

O endividamento de países periféricos fora estudado por Santos, cuja interpretação ajuda-nos a compreender os mecanismos da acumulação capitalista em países de economia agrícola-primária:

[...] se aplainou o caminho para o endividamento permanente e cumulativo, e para a distorção de toda a economia, uma vez que, para pagar as importações ou o serviço da dívida, riquezas minerais tiveram de ser alienadas e a agricultura teve de ser canalizada para a produção de exportação. (2007, p. 17).

O que acontece hoje em Moçambique ilustra esse movimento. Dados do INE (2012) remetem a uma realidade de exportação de recursos naturais e agrícolas (castanha, amêndoa de caju, camarão, lagosta, algodão, madeira, tabaco, lingotes de alumínio, carvão mineral) e importação de produtos processados/industrializados (equipamentos de transporte, eletrônicos, maquinarias, produtos de origem vegetal, petróleo, cereais).

Os prejuízos da política de exploração colonial, acrescidos à destruição material e imaterial de vinte anos de guerra civil, aumentaram a dependência financeira de Moçambique em escala internacional. As circunstâncias levaram ao insucesso do modelo socialista enunciado no ato de libertação nacional.

Em meio à situação de instabilidade econômica, Falcão (2009) aponta os principais fatores do incipiente desenvolvimento socioterritorial de Moçambique: o crescimento econômico lento até 1990; o baixo nível de escolaridade da população; a dependência das famílias moçambicanas de recursos públicos; a baixa produtividade agrícola, sobretudo nas unidades familiares; as baixas taxas de empregabilidade; a infraestrutura precária, em especial nas zonas rurais. Como as mulheres se inserem neste contexto, é o que veremos a seguir.

1.1 A *marcha*

Moçambique conta com uma população de 12 274 394 mulheres, das quais 43,7 têm idade de 0 a 19 anos. A expectativa de vida nesse universo é de 54,9 anos, pouco maior que a média geral, de homens e mulheres. Essa é uma das poucas situações de privilégio da mulher moçambicana nas questões de gênero.

No âmbito da educação, a desigualdade é visível: além do analfabetismo, apenas 32,8 % dos cidadãos que chegam ao ensino técnico são mulheres; neste nível de ensino, 19,4% dos professores são do sexo feminino e, nas universidades, este percentual é de 22, 8. (INE, 2012).

A situação das mulheres moçambicanas fora objeto de denúncias já nos anos 1940, tecidas principalmente em prosas escritas por professoras, enfermeiras, empregadas de escritório e comércio da época, publicadas no jornal “O Brado Africano”⁹. O trecho a seguir, parte do poema “Godido” de autoria da poetiza Noémia de Souza, ilustra o teor crítico de tais publicações (IGLÉSIAS, 2007, p. 137):

*Nas noites frias,
sem batuques, sem lua,
as estrelas continuaram brilhando insensíveis,
através da cacimba, suspensas dos postes da rua.
Minha consolação
Minha Mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,
mornas como o sol de inverno...
Minha Mãe vencendo a cacimba e a humilhação,
para me vir belekar
humilde e sofredora, com as suas tocantes canções de acalantar!
(In O Brado Africano)*

⁹ Jornal publicado de 1919 a 1974, voltado à defesa das causas africanas. (IGLÉSIAS, 2007).

As reivindicações contra a humilhação e submissão das mulheres ganharam projeção nacional junto à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), tendo como marco histórico a

1ª. Conferência da Mulher Moçambicana, em 4 de Março de 1973 e que teve como título: “A Libertação da Mulher É Uma Necessidade da Revolução, Garantia da sua Continuidade, Condição do seu Triunfo”. Deste discurso, destaca-se a referência ao papel da OMM [Organização da Mulher Moçambicana], então criada (1973). (IGLÉSIAS, 2007 p. 138).

As temáticas daquele contexto são ainda atuais. Há muito o que se avançar na garantia da autonomia das mulheres moçambicanas, prejudicadas por regimes político-jurídicos e culturais que dificultam o exercício da cidadania por esse segmento.

Informações fornecidas pela Direção Provincial da Mulher e da Acção Social (2014), na unidade de Inhambane, permitem alguns apontamentos.

Quadro 1 – Principais problemas enfrentados pela mulher moçambicana.

ÂMBITO RELACIONADO	PROBLEMAS
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> • HIV e Sida; • Parto não institucionalizado; • Abortos clandestinos.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Preconceitos; • Subestimação na capacidade da Mulher (Campo de Liderança/Gestores).
Violência	<ul style="list-style-type: none"> • Física; • Psicológica.
Política	<ul style="list-style-type: none"> • Incipiente participação na política; • Fraco cumprimento de planos que contribuem para a elevação do Estatuto da Mulher (por parte do governo).
Família	<ul style="list-style-type: none"> • Pobreza; • Preconceitos sobre a capacidade da Mulher; • Falta/fraca formação e informação; • Baixo poder decisório (por parte da mulher).
Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Assédio sexual; • Casamento prematuro; • Gravidez indesejada/Não planejada

Fonte dos dados: Direção Provincial da Mulher e Acção Social – Inhambane/Moçambique, setembro de 2014.
Organização: MARQUES, Ana C. O. 2014.

Os problemas mencionados no documento da DPMAS sugerem um mapa dos lugares de opressão da mulher manhambane: na escola, na casa, no hospital, no local de trabalho. Percebe-se, diante da horizontalidade das barreiras postas à afirmação da mulher, que o problema é estrutural. E mais: a violência contra a mulher tem relação direta com a superestrutura: as políticas de colonização dos países periféricos têm conteúdos de gênero, sexualidade, cor de pele entre outros, muito bem definidos, ainda que não revelados.

Mas os fatores não são apenas externos, heranças de culturas tribais africanas legitimam expressões, hábitos, rituais nos quais a mulher também é vítima de opressão. Vários exemplos podem ser citados: a matuna¹⁰, a poligamia masculina¹¹, a divisão do trabalho doméstico.

Há ainda as faces mais sutis da negação da afirmação da mulher moçambicana. Nestas, a indústria midiática tem papel primordial.

Bastaria um levantamento das produções artísticas de maior audiência em Moçambique, tais como videoclipes, filmes, novelas e outros programas de entretenimento para a identificação de um *ethos* ocidental na ditadura de valores morais e estéticos na sociedade moçambicana. Dissimulando, inclusive, a heterogeneidade das formações socioespaciais no Ocidente.

As dessemelhanças históricas, genéticas, geográficas, socioeconômicas e culturais – entre estas, linguísticas – são tidas como residuais e não como verdadeiramente os são: bases materiais e simbólicas da existência de determinados sujeitos e grupos sociais.

Os avanços da luta feminina em Moçambique merecem, por sua vez, o devido registro. A criação, em maio de 1991, do Departamento de Estudos da Mulher e do Gênero (DEMG) está entre as principais conquistas. Os estudiosos investigam, entre outros temas, o *status quo* da mulher moçambicana na legislação atual, dilemas da corporeidade feminina, enquanto força de trabalho e nas relações com o meio ambiente. Abaixo, a descrição de atividades realizadas no primeiro semestre de 2014, no âmbito do Desenvolvimento da Mulher e da Equidade de Gênero:

¹⁰ Ritual de preparação da mulher para a prática sexual, no qual o clitóris é alongado com o uso das mãos e óleos/ervas naturais. Realizado sobretudo nas províncias ao norte do país.

¹¹ Autorização – no caso de Moçambique, histórica e cultural – da união do homem a mais de uma esposa. A crítica aqui levantada provém de depoimentos das próprias mulheres, que se dizem incomodadas, sobretudo, com o risco de contaminação de microorganismos nocivos – como o vírus HIV, sexualmente transmissível.

- Integração de 2 técnicas da DPMASI e dos Serviços Distrital de Saúde, Mulher e Acção Social de Vilankulo nos Serviços de Atendimento Integrado as Vítimas de Violência nos Hospitais Provincial de Inhambane e Rural de Vilankulo;
- Realização de 4 feiras de exposição de produtos agrícolas produzidos por mulheres nos Distritos de Zavala, Inharrime e Cidade de Inhambane, tendo envolvido um total de 488 mulheres;
- Financiamento de 355 projetos de comércio, corte e costura e avicultura para igual número de mulheres no distrito de Inharrime,;
- Financiamento de 8 projetos de aquacultura para igual número de mulheres no distrito de Vilankulo, através do Conselho Municipal de Vilankulo;
- Beneficiamento de 1.572 mulheres em insumos agrícolas e capacitadas em matéria de gestão de pequenos negócios, assistência e formação técnica;
- Legalização de 25 associações de mulheres;
- Realização de um encontro que envolveu 40 membros (12 homens e 17 mulheres) dos Conselhos Provinciais da Criança (CPV), da Pessoa Idosa (CPI) e da Pessoa com Deficiência (CPAD);
- Na área da educação, foram inscritas 253.457 alunas nos vários subsistemas dos ensinios primário, secundário, técnico profissional e alfabetização e educação de adultos;
- Realização de 1 Seminário de Capacitação de técnicos e órgãos de comunicação social em matéria de promoção dos direitos da mulher e Planificação na Ótica de Género;
- Criação de 2 Conselhos Distritais para o Avanço da Mulher no Distrito de Zavala e Maxixe, constituído por 22 mulheres e 8 homens;
- Realização de 8 Conselhos Distritais para o Avanço da Mulher nos Distritos de Vilankulo, Mabote, Inhassoro, Govuro, Panda, Homoine, jangamo e Zavala, envolvendo 67 mulheres e 38 homens.

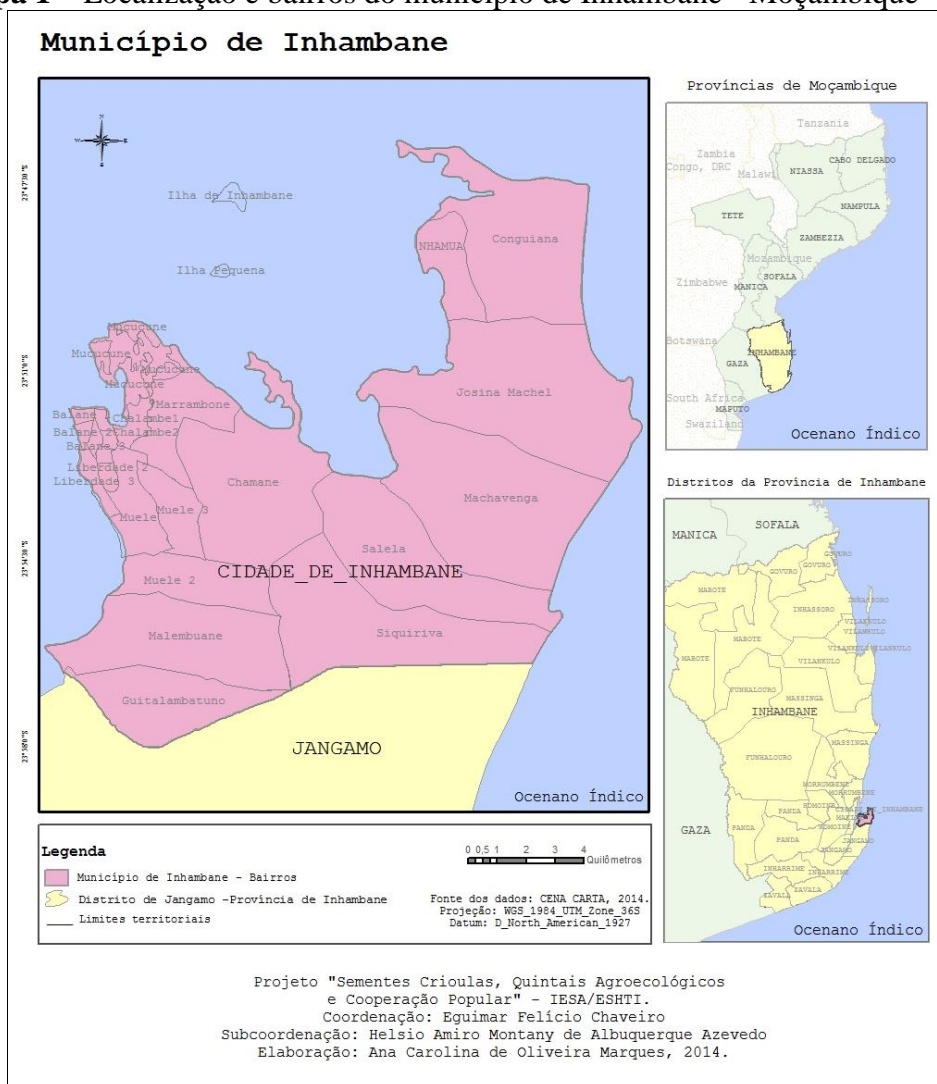
Outro importante ganho, agora jurídico, na promoção da cidadania moçambicana foi a aprovação, em 1990, da Constituição. Salvaguardados os direitos universais da vida e liberdade de expressão, o documento legaliza a igualdade da mulher e do homem.

Com os instrumentos legais e científicos garantidos, resta a reunião de esforços para a intervenção nas condições reais de vida dessas mulheres, pois “se a teoria está tão bem definida, a prática continua distante” (IGLÉSIAS, 2007 p. 140).

2 O MUNICÍPIO DE INHAMBANE: aspectos econômicos, históricos e geográficos

Localizado na costa leste da Província de Inhambane (com área total de 68,775 km²), o município de Inhambane é constituído por 24 bairros (representados no Mapa 1) que abrigam 73,948 mil habitantes, distribuídos em 195 km². No município, predominam as etnias *Tsonga* (*Vatsonga* ou *bitonga*) e *Chope* e as línguas faladas são o português – a língua oficial –, o *bitonga* e o *chitsua*. (INE, 2013).

Mapa 1 – Localização e bairros do município de Inhambane - Moçambique



Mapa de localização do município de Inhambane no contexto provincial e nacional, e limites

territoriais dos bairros. Fonte: CENACARTA, 2014. Elaboração: MARQUES, A. C.O. 2014.

O clima predominante na província é do tipo tropical húmido, caracterizado por duas estações bem definidas: verão úmido e chuvoso e inverno seco. A temperatura média é de 26,97°C e mínima 20,30°C, e a precipitação anual atinge uma média de 926,8mm. Os maiores rios são o Salela e o Guiúá, destacando-se também as lagoas Chivanene, Cumbe e Pembane.

As tipologias de solo se dividem em: solos de mananga (interior da província); solos argilosos vermelhos (maioritariamente no distrito de Inhassoro); e os solos arenosos - fase dunar (ao longo da zona costeira). (MOÇAMBIQUE, 1984).

As principais atividades econômicas na província são: Atividades das organizações associativas, Administração pública e defesa (segurança social obrigatória), educação, restaurantes e similares, alojamento, comércio. (INE, 2013).

As condições de solo dificultam a prática agrícola convencional. De acordo com informações do Gabinete das zonas verdes da cidade de Inhambane, 90% dos solos são de composição granular arenosa e, os outros 10%, solos arenosos-argilosos (2009 *apud* AZEVEDO, 2014).

O distrito Cidade de Inhambane conta com atividades de pesca e pequenas indústrias de transformação ou de conserva do pescado, de leguminosas e de frutas. Há também iniciativas de produção de óleo alimentar, e sabão.

As mulheres representam 53,3% da população distrital, cuja maior parte destas (57,4%) está na faixa etária de 15 a 64 anos. O analfabetismo entre essas mulheres é três vezes maior em relação ao mesmo índice no universo masculino.

Estes são, portanto, dados elementares para a compreensão da base territorial de Inhambane, de onde partimos para cartografar “A rota da alface”.

3 A ROTA DA ALFACE

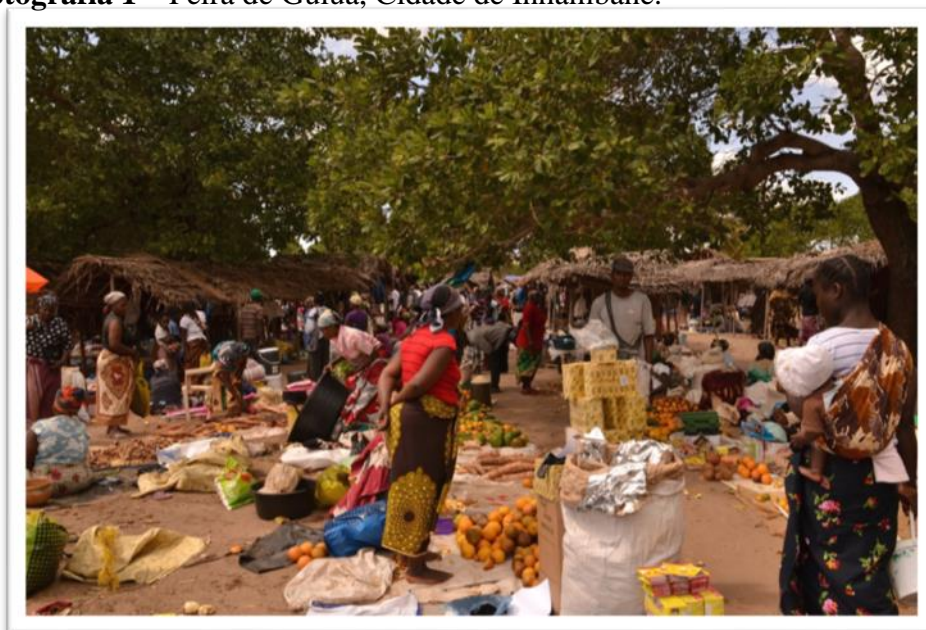
A comercialização de verduras, frutas, hortaliças e outros produtos como o feijão e a farinha, na Província de Inhambane, dá-se em maior parte pela venda ambulante. Mercados e feiras abastecem as mesas dos manhambanes com produtos da zona verde que circunda a cidade, importados doutras Províncias e até mesmo doutros países, como a África do Sul. No município de Inhambane são cinco (5) os principais pontos de venda: Machavenga, Guiúá, Mercado Central, Giló e Cicutinuni.

A feira de Guiúá é, em termos quantitativos, a de maior representatividade. Ocorre nas terças e sextas e reúne mulheres e homens vendedores ambulantes de várias localidades da Província. Entre essas, Dona Albertina.

3.1 A economia fechada das machambas

Madrugada de sexta-feira. Dona Albertina, 45 anos e mãe de 4 filhos, embala os produtos que serão vendidos em Guiúá. Nessa feira (ilustrada na fotografia 1), encontram-se além de produtos agrícolas, roupas, utensílios domésticos, salgados e refrescos.

Fotografia 1 – Feira de Guiua, Cidade de Inhambane.



Fotografia 1: Feira de Guiua, terças e sextas na Cidade de Inhambane. Autora: MARQUES, A. C. O. Setembro de 2014.

Da casa à feira, Dona Albertina utiliza a chapa¹². O funcionamento desse tipo de transporte resume-se à concessão, por parte do governo, da autorização para os chapas – também se dá esse nome aos condutores – circularem em rotas pré-definidas. Os proprietários dos veículos geralmente terceirizam o serviço: cabe ao motorista e ao cobrador um salário

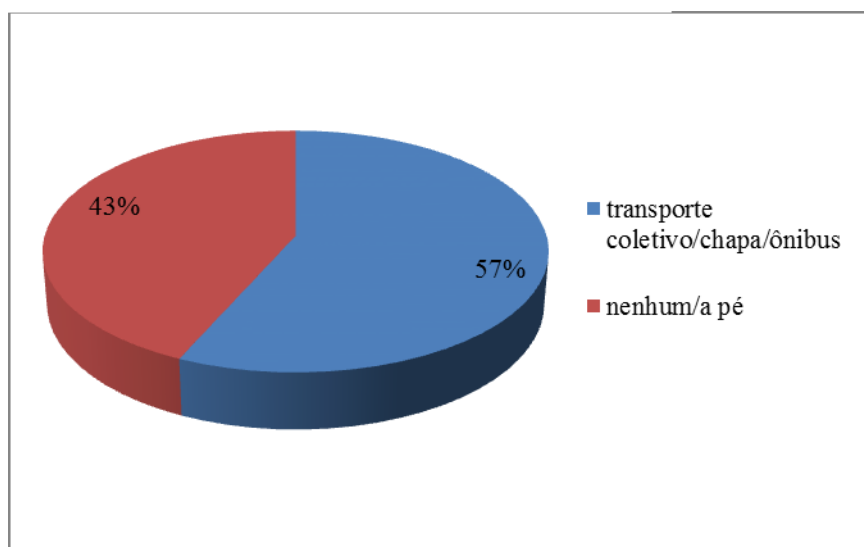
¹² Mini vãs para transporte coletivo. O preço do bilhete (cidade de Inhambane – localidade de Guiua) gira em torno de 10 meticais – moeda nacional.

mensal, cujo valor é correspondente às metas alcançadas, o que estimula a superlotação dos carros e compromete a segurança no transporte.

A precariedade do transporte, assim como das instalações e serviços de saúde e informação pública, relembra a fragilidade financeira de Moçambique que o faz demasiadamente dependente de recursos internacionais.

Na rota da alface, das machambas das feirantes à localidade de Guiúá, há duas modalidades de transporte, conforme relatado pelas mulheres e expresso no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Modalidade de transporte da alface - Feira



Fonte dos dados: questionários aplicados em trabalhos de campo – setembro de 2014. Elaboração: ASSANE, Abdul. 2014.

As agricultoras que realizam o transporte das mercadorias a pé geralmente moram nas proximidades da feira, uma vez que 76% da alface comercializada provêm de machambas próprias. A outra parcela atua como intermediária da produção. Todavia, a agricultura não é a única fonte de renda nem mesmo para as produtoras.

Nas terças e sextas, a rotina da Dona Albertina é a mesma: acordar, se vestir, pegar a chapa e partir rumo a Guiúá. No lugar de destino, arma seu guarda-sol que sombreia a ela e aos tomates, alfaces, batatas, pimentões, cebolas, bananas, laranjas – alguns destes produtos são cultivados na machamba que compartilha com os demais membros da Associação 7 de Abril¹³.

¹³ Criada em 2003, o nome da Associação remete à data do falecimento da esposa do revolucionário e ex-presidente da República de Moçambique, Samora Machel. Formada por 20 produtores, dentre estes 15 mulheres. A Associação ocupa cerca de 8,5 hectares, divididos em campos de demonstração de resultados (CDR) e campos

A complementação da renda se dá na comercialização de mercadorias que são adquiridas na capital: nas quartas-feiras, Dona Albertina percorre cerca de 400 km até Maputo. Aliás, a concentração de serviços e do comércio nas grandes cidades é uma condição da acumulação capitalista.

O tráfego entre Inhambane e Maputo se dá pela estrada nacional número 1. No percurso há trechos ausentes de sinalização e acostamento, além da pista ser demasiadamente estreita para a circulação de carros, pedestres e animais.

Além das condições adversas na rodovia, o risco de Dona Albertina vai além: viaja na carroceria de caminhões, sem o uso de qualquer equipamento de segurança. Essa é a condição para reduzir os custos e aumentar a quantidade de mercadorias adquiridas em Maputo.

Pelo caminho, a alteração das paisagens informa diferentes práticas produtivas. Trafega-se pela Província de Gaza – terra de Samora Machel¹⁴. As paisagens da capital desta província, Xai Xai, cidade às margens do rio Limpopo, comunica ao passageiro a dinâmica agrícola da zona, considerada há tempos o “celeiro” de Moçambique. Vê-se extensas plantações de soja, tomate, arroz, milho. O preço para a consolidação daquele sistema de produção baseado na agricultura moderna destaca-se na paisagem: nesses trechos, é notável o decréscimo das pequenas propriedades rurais.

Na passagem por Gaza, os vendedores ambulantes, na maioria mulheres e crianças, oferecem produtos agrícolas a preços defasados no mercado: as deficiências no escoamento da produção e no processamento resultam no desperdício e na desvalorização do produto.

A viagem permite ainda outras reflexões: o trabalho infantil, o incipiente desenvolvimento das forças produtivas nas machambas, o contingente de pessoal desocupado no campo, o baixo nível de escolaridade da população, o elevado número de crianças e jovens no total da população, a segregação socioespacial nas cidades, a pequena quantidade de brancos que utilizam o transporte público, as vestimentas de estirpe ocidental que por vezes substituem as capulanas – cujo uso se concentra entre as pessoas de classes mais baixas.

Enquanto isso, Dona Albertina está centrada tão e somente no objetivo de sua viagem: adquirir as mercadorias que venderá naquela semana em feiras e mercados.

O porquê de aquela senhora repetir semanalmente a viagem, que dura cerca de 6 horas de risco de morte, é compreensível diante de um importante mecanismo do capital: a

individuais, com lavouras de mandioca, amendoim, alface, tomate e outras hortícolas. Pratica-se também a criação de gado bovino, peixe, pato e galinha.

¹⁴ Representante da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO – no ato da libertação nacional.

desapropriação do trabalhador dos meios de produção. Em economia fechada, Dona Albertina não acumula capital suficiente para o armazenamento dos produtos. Numa lógica de vende para sobreviver, a agricultora desconhece a principal condição do “progresso”: o lucro.

Em situação semelhante vivem milhares de pessoas em Moçambique, formando um contingente de protoproletários, processo mencionado por Santos:

Hoje, os mecanismos do sistema produzem protoproletários, como McGee (1974) chama essa enorme franja da população pobre que nem mesmo constitui uma reserva para o exército industrial de reserva, mas que está tão-somente condenada ao trabalho ocasional. (2007, p. 26-27).

O descompasso da economia interna nos espaços periféricos aumenta, arbitrariamente, a dependência dos mercados aos produtos importados. No caso de Inhambane, um turista facilmente encontra cervejas, chocolates e outros produtos de origem sul-africana. No consumo do próprio manhambane, uma popular espécie de pescado – “cara-pau” – é proveniente do atlântico leste, em especial do litoral angolano. O frango brasileiro, a maionese chinesa, o carro japonês, as novelas mexicanas.

Diante das limitadas perspectivas de vida e de desenvolvimento local, a mulher manhambane segue seu malabarismo pela sobrevivência. E o faz de maneira magistral. Aproveita-se ao máximo as possibilidades que a natureza oferece. Por vezes contraria o regime do dinheiro, fortalecendo sistemas de troca. Faz da coletividade válvula de escape. Alça voos por meio de lendas, músicas, crenças e capulanas, escapando provisoriamente à globalização perversa. Ao aterrissar, em Inhambane, tudo se repete: Dona Albertina e a vida na feira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de presentes nas ruas das cidades, nas feiras e nas aldeias rurais, a mulher manhambane carece de maior visibilidade no âmbito da política, da saúde, da educação, do trabalho. As conquistas proclamadas no ato de independência nacional não alcançaram essas mulheres.

A “rota da alface” como síntese da trajetória das mulheres na luta pela autonomia permitiu-nos explorar, além da questão agrícola, os *habitus* e as perspectivas de vida no

universo feminino. Tal percurso evidenciou os interditos de um país cuja história é permeada de contradições: Liberdade, para quem? Independência, em que sentido/grau/natureza?

Os desafios do presente chamam o país para uma análise integrada dos seus problemas: mulheres e crianças negras vítimas de violência, baixo nível de escolaridade, desemprego, sistemas de informação precários, ausência de políticas públicas voltadas à soberania alimentar, para a integração dos mercados locais e para a valorização da cultura moçambicana – parte desta que rompe com os preconceitos vindos de dentro e de fora do sistema colonial.

Se as mulheres são fragilizadas nas relações de vida e produção em Moçambique, também são elas que colorem o chão desse país com a agricultura da resistência. Cultivam também crianças e seus cadernos. Cultivam as músicas servidas ao luar. Cultivam a esperança.

As machambas, as mulheres, a terra e uma lembrança: as capulanas nos varais – essas que, no próximo dia, serão outra vez recheadas de vida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Helsio Amiro Motany de Albuquerque. *A segurança em territórios turísticos* [manuscrito]: o caso do município de Inhambane em Moçambique/ Helsio Amiro Motany de Albuquerque Azevedo. - 2014. 271 f. : il. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2014.

CPLP. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. *Estatísticas da CPLP*. Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/pt/ResourceCenter>. Acesso em: 25 de setembro de 2014.

IGLÉSIAS, Olga. África, a Mulher Moçambicana e a NEPAD. In: *Campus Social*, 2007, 3/4, 133-151. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/1935> . Acesso em: 07/09/2014.

FALCÃO, M. P. Política Agrícola e Política Agrária: experiência moçambicana. In: *Políticas públicas e desenvolvimento rural: percepções e perspectivas no Brasil e em Moçambique*/ Jalcione Almeida (organizador). – Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2009. p. 220-241. Disponível em: . Acesso em: 01/09/2014.

MOÇAMBIQUE, Direção Provincial da Mulher e Acção Social de Inhambane. *Informações sobre as atividades levadas a cabo na área da Mulher e Género* – Cidade de Inhambane, Província de Inhambane/Moçambique. Setembro de 2014.

MOÇAMBIQUE. SEE. Geografia Física de Moçambique. Maputo: SEE, 1984.

MOÇAMBIQUE. Instituto Nacional de Estatística. *Estatísticas do Distrito Cidade de Inhambane*. Maputo: INE, 2013. Disponível em: www.ine.gov.mz. Acesso em: 25 de setembro de 2014.

MOÇAMBIQUE. Instituto Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico 2012*. Maputo: INE, 2012. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/pt/ResourceCenter>. Acesso em: 25 de setembro de 2014.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Administração Estatal. *Divisão administrativa de Moçambique por províncias, distritos, postos administrativos e localidades*. Maputo: MAE, 2013.

SANTOS, Milton. *Economia espacial: Críticas e Alternativas*. Tradução Maria irene de Q. F. Szmrecsányi. – 2. ed., 1ª reimpr. – São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2007. – (Coleção Milton Santos; 3). 204 p.